

Água-viva: instantes de saber

Cleonice Paes Barreto Mourão

A paixão do paradoxo

Um jogo entre o dentro e o fora atravessa toda a obra de Clarice Lispector e encena o encontro de subjetividades com acontecimentos e a criação desses acontecimentos a partir de uma percepção aguda e lancinante do mundo e dos seres, num circuito tenso. Nessa perspectiva, um pequeno livro se destaca no conjunto da sua obra: *Água-viva*. Nele, o encontro privilegiado é com a própria escrita, quando ela é geradora de vida. Voltar-se para o dentro da escrita não para uma interpretação de suas possíveis significações, mas para compreender o processo da criação. Um olhar para o dentro da escrita que é, ao mesmo tempo, uma direção para o fora, para a captura do mundo e da existência. Entrar na escritura para exhibir seus mecanismos, seu corpo estriado de linhas que partem em todas as direções e às quais é preciso deixar a liberdade absoluta, desprendida da organização lógica, em fuga estonteante; linhas que não perfazem nenhum desenho, mas deixam em seus espaços a grande força, a força daquilo que as palavras não cobrem, apenas sussurram, murmúrio de deuses ou de demônios, rugir de feras ou canto de pássaros, aquém ou além do bem e do mal, no puro prazer de ouvir o silêncio, no interior do qual, e só nele, é possível lançar o grito: "Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação mas é grito de felicidade diabólica" (9).¹

Água-viva é de 1973, quando Clarice já havia publicado grande parte de sua obra. Embora possa ser visto como uma Poética, nem por isso se trata de um balanço de sua escrita, ou melhor, de como ela escreveu seus livros anteriores. *Água-viva* se aproxima mais de uma espécie de cosmogonia da escrita. Partir do caos sem a

¹ LISPECTOR, CLARICE: *Água-viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973. Os números entre parênteses depois das citações em itálico referem-se a esta edição.

preocupação de organizá-lo, mas para explorar nele a convivência dos contrários, a paixão do paradoxo, a semente da vida.

O texto é todo fragmentado em segmentos separados por um espaço em branco, sem nenhuma narrativa, apenas o registro do mundo e das sensações de um eu não nomeável. Essa fragmentação e a profusão heteróclita de temas impedem uma leitura interpretativa. Ao leitor de *Água-viva* cabe acompanhar o processo da escrita, sem procurar descobrir uma verdade clariceana que se ocultaria por detrás de metáforas. As metáforas de *Água-viva* não são abstrações: de carne e sangue, elas constituem um universo larvar, "atrás do que fica atrás do pensamento", expressam uma vida primitiva distante das construções racionalistas. Assim, o essencial em *Água-viva* não são os temas desalinhavados, sua infinita variedade, mas as forças, as intensidades que atravessam de um enunciado a outro e se contaminam. É possível que, chegando à última página, o leitor não saiba de que trata o livro, mas fica-lhe a percepção nítida de uma densidade telúrica, de um processo de criação, não de representação.

Filosofar na arte

Os parágrafos de *Água-viva*, cujos temas extremamente diversificados não permitem o desenvolvimento de uma idéia, não se arranjam num sistema; são, no entanto, a exibição — não a demonstração — daquilo que Nietzsche considera como uma "metafísica de artista" a qual, segundo o comentário de Roberto Machado,

*é a concepção de que a arte é a atividade propriamente metafísica do homem, a concepção de que apenas a arte possibilita uma experiência da vida como sendo no fundo das coisas indestrutivelmente poderosa e alegre, malgrado a mudança dos fenômenos.*²

A "metafísica de artista", em *Água-viva*, dá carne e sangue ao ato de pensar, acentuando o aspecto dionísio da vida e de sua expressão poética, sem, contudo, abandonar o apolíneo. Clarice mantém a claridade das proposições, quando consideradas isoladamente, mas é na sua seqüência sem fio lógico, sem nenhuma preocupação de levar a um conhecimento; é no interior dessa matéria indisciplinada e proliferante que sua escrita produz um saber. Um saber que não passa pelas grades da razão, mas pela experiência da vida quando vivida sensorialmente, movida no "plasma", dinamizada pelos afetos e perceptos, não pelo intelecto.

² MACHADO, ROBERTO: *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 29.

Essa "metafísica de artista" não está à procura de nenhuma verdade; ao contrário, joga-a no terreno provisório das experiências de vida, distante de qualquer parâmetro ético ou de qualquer centralização. Acéfalo, múltiplo, expandindo-se sem direção predeterminada, o texto de *Água-viva* transfigura as "idéias" em pontos rizomáticos que se bifurcam, se quebram a cada instante, mas deixam no rastro de sua errância o desenho de um saber de vida e de sua expressão — a escrita.

Assim, *Água-viva* não pertence à categoria de obra, mas à de processo de texto, anterior à obra. E como tal, processo ou experimentação, a escritura ali promove uma desterritorialização do pensamento: retira-o do domínio da linguagem argumentativa e logocêntrica, lançando-o na arte. Não a arte *de* pensar, mas pensar *na* arte.

Pontos de intensidade na correnteza vertiginosa e heteróclita da temática clariceana, os segmentos de *Água-viva* constituem uma espécie de aforismos, se retirarmos desse termo a intenção de conhecimento e de ética, para nele entendermos estações de saber. Talvez pudéssemos designá-los como "blocos", dos quais Deleuze afirma: "O artista cria blocos de perceptos e de afetos, mas a única lei da criação é que o composto deve ficar de pé sozinho".³

O filósofo francês explica ainda que esses afetos e perceptos são de uma modalidade muito especial: é preciso "arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afeto das afecções, como passagem de um estado a outro" e criar "um puro ser de sensações".⁴

O procedimento utilizado por Clarice para fazer essa "passagem" e deixar-se ser "um puro ser de sensações" consiste em assumir um "it" que é, segundo ela, a forma impessoal do ser, e com isso eliminar o sujeito percipiente: "Basta-me o impessoal vivo do it"(79). A partir do "it", ela contrai as palavras que dizem dos afetos e dos perceptos em curtas fabulações e encenações que denominamos de estações de saber — um saber da vida e da palavra.

Celebração da vida

Água-viva não interpreta a vida, não a decodifica, não fala sobre ela. *Água-viva* cria vida, retira-a das cavernas não para lhe dar um significado, mas para deixá-la explodir em todo seu vigor selvagem. Caminhar na direção do primitivo, do selvagem,

³ DELEUZE, GILLES. GUATTARI, FÉLIX.: *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 214.

⁴ Idem, p. 217.

não significa uma regressão. É, antes de tudo, traçar uma linha de vida no seu mais alto grau de intensidade, deixar de interpretar a vida e vivê-la, renunciar à subjetividade para encontrar toda a largueza e profusão da impessoalidade, ter a coragem de viver sem rosto próprio – a grande aventura: "Estou viva. Mas sinto que ainda não alcancei os meus limites, fronteiras com o quê? Sem fronteiras, a aventura da liberdade perigosa". (20)

Como ouvir essa voz vindo das cavernas, voz ancestral, anterior às organizações lógicas, "*no obscuro erotismo da vida plena*"(22), dialogando com insetos, serpentes, corujas, morcegos? Voz que substitui a limpidez da razão pelo sangue espesso da vida: "Bebo um gole de sangue que me plenifica toda".(49) Como ouvi-la senão situando-nos também nesse mundo primitivo e subterrâneo? "Estou atrás do que fica atrás do pensamento"(14). A lógica, a identidade, o Cronos constituem a grande muralha contra a qual essa voz se arrebenta em estilhaços que formam um desenho sem forma reconhecível, pedaços de cristal de um caleidoscópio sempre girando, incansável no seu prazer de criar novos e surpreendentes traços: "...sou caleidoscópica: fascinam-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro". (40)

Água-viva mostra com exemplaridade que o ser moderno é um ser de linguagem. Em sua tessitura percebe-se o processo que se desenrola em torno da linguagem e que procura desvencilhar-se das significações pré-estabelecidas. Para isso a autora envereda por uma orgia de palavras cujo fluxo não leva a nenhum lugar, mas que se espraia toda no espaço que se abre entre os paradoxos. Sem fazer um corte absoluto entre os afetos e o intelecto, é justamente a contaminação de um pelo outro que constitui a sua matéria. Sem começo nem fim, "... escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos"(11), essa escrita se expande em rizoma, e em cada linha de seu emaranhado a palavra surge como experiência primordial de vida.

Na vertigem do Aion

A linha do tempo privilegiada pela escrita de *Água-viva* é o Aion. Uma das últimas linhas do livro diz de um procedimento de experimentação infundável: "O que te escrevo é um 'isto'. Não vai parar: continua".(115) E insiste logo em seguida: "O que te escrevo continua e estou enfeitçada"(115). Trata-se de uma experiência de escrita que tem como parâmetro o tempo sem espessura nem profundidade, o tempo do instante-já.

O instante-já é o termo que pontua todo o texto e se faz o suporte de um modo de pensar, de escrever e de viver. A expressão aponta para um presente, naturalmente, mas é preciso compreender de que presente se trata. A sua medida não é a de Cronos,

que seria então um presente amplo e profundo onde habitam as pré-significações, as narrativas com princípio, meio e fim, o universo dos valores universais, o tempo dos deuses, contendo em si o passado e o futuro como dimensões do presente. "Cronos é o tempo regulado dos presentes vastos e profundos"⁵, afirma Deleuze quando o contrapõe ao tempo sem espessura do Aion.

Ao enfocarmos a questão do tempo segundo conceitos deleuzianos, estamos cientes de que fizemos uma escolha, uma vez que não há para o filósofo francês uma única concepção do tempo. São vários os caminhos para se pensar o tempo na filosofia deleuziana, de acordo com o vetor por ele apontado: pela via de Bergson, dos estoícos, de Hölderlin, de Blanchot, entre outros. Se privilegamos a via nietzscheana, uma das que Deleuze adota, e talvez com certa predileção, é porque percebemos na experiência do tempo, tal como surge em *Água-viva*, uma vizinhança muito grande tanto com Deleuze quanto com Nietzsche.

Segundo Deleuze, no Aion,

*Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ou antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos(...).*⁶

E Nietzsche considera o Aion não como uma linha contínua nem reta, mas labiríntica; tempo desregrado, enlouquecido, reservado à criança e ao artista; jogo do múltiplo e do devir.

A concepção do instante-já em *Água-viva* é claramente nietzscheana e deleuziana: "Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidivo não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais". (9) E ainda: "O que vai ser já é. O futuro é para a frente e para trás e para os lados. O futuro é o que sempre existiu e sempre existirá". (44) O presente é passado e futuro ao mesmo tempo, vertiginosa fuga que arrasta consigo a ordem e a desordem, que comanda o claro e o obscuro, que alimenta a vida e a morte: "Fixo instantes súbitos que trazem em si a própria morte e outros nascem – fixo os instantes de metamorfose e é de terrível beleza a sua seqüência e concomitância". (15)

⁵ DELEUZE: *A Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 168.

⁶ Idem, p. 192-3. O grifo é nosso.

Nas palavras de Zaratustra:

*Vê, continuei a falar, vê este instante! Deste portal Instante corre um longo, eterno corredor para trás: atrás de nós há uma eternidade (...) E não estão tão firmemente amarradas todas as coisas, que este Instante puxa atrás de si todas as coisas vindouras? E assim a si próprio também?*⁷

E nas palavras de Deleuze:

*Sempre já passado e eternamente ainda por vir, Aion é a verdade eterna do tempo: pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal presente e por aí desenrolou seu círculo, se alonga em uma reta, talvez tanto mais perigosa, mais labiríntica, mais tortuosa por esta razão (...)*⁸

Liberada da espessura do Cronos, a palavra gerada no Aion desliza na superfície, percorrendo linhas embaraçadas, rizomáticas, e nelas o eu, desvincilhado da profundidade do Cronos que enraiza a identidade, se multiplica numa infinidade de atributos ou modalidades do ser:

...eu, bicho de cavernas ecoantes que sou e sufoco porque sou a palavra e também o seu eco, sou sozinha, sou orgânica, sou o mundo, sou implícita, sou a morte, sou tão simples, sou anônima, eu me sou, sou o coração das trevas, sou um coração batendo no mundo, sou pouco a pouco, sou um objeto urgente, sou um ser concomitante, sou uma pergunta, fragmentária que sou, sou-me, sou ainda a rainha dos medas e dos persas e sou também a minha lenta evolução que se lança como uma ponte levadiça num futuro cujas névoas leitosas já respiro hoje...

Espécie de litania disseminada no texto, o eu se faz multiplicidade produzida no Aion e dinamizada pelo É que não oferece repouso. Nenhuma dessas formas é privilegiada, nenhuma delas contém a origem, a raiz primeira, apenas se deslocam de uma a outra, ou são todas ao mesmo tempo.

⁷ NIETZSCHE, FREDERICO: *Assim falou Zaratustra: Visão e enigma*. Trad.: Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, s/d. p. 244. Grifos do autor.

⁸ DELEUZE: *A Lógica do Sentido*, p. 170.

Essas modalidades do ser estão contidas em segmentos que se dispersam num labirinto cuja consistência são as experiências diante do mundo e do ato de escrever. Essas experiências não apontam uma direção única, antes percorrem "caminhos que se bifurcam" na tentativa de encontrar a grande resposta que, no entanto, nunca se apresenta: "Quero captar o meu *é*" (10). E no tempo que sustenta esse labirinto, todas as direções são possíveis, o que já aconteceu, o que acontece, o que está para acontecer, todos os acontecimentos ao mesmo tempo, litania alucinada, sem começo nem fim, deixando todo seu vigor se expandir no meio, no meio do labirinto, o mais terrível, distante de qualquer resposta, de qualquer repouso. Na dinâmica do Aion, em *Água-viva*, a experiência da vida e do mundo passa pelos mais variados pontos: os pontos da música, da pintura, dos animais, dos vegetais, das relações humanas, do nascimento de uma gata e do suicídio de um homem. E tudo continua porque nenhum ponto é privilegiado, nenhum deles cava uma vertical onde o *eu* pudesse fincar sua raiz. Só o tempo descentrado do Aion poderia permitir essa linha de fuga, essa formação rizomática, afastando o eu das grandes respostas oferecidas por um mundo ávido de soluções definitivas, eternas. E é na ausência de uma resposta, em torno do oco que aí se abre, que o eu circula: "E doidamente me apodero dos desvãos de mim, meus desvãos me sufocam de tanta beleza. Eu sou antes, eu sou quase, eu sou nunca". (21) Esse oco ou eco por onde perambula o eu constitui seu jardim de sombras: "Para me refazer e te refazer volto a meu estado de jardim e sombra, fresca realidade, mal existo e se existo é com delicado cuidado. Em redor da sombra faz calor de suor abundante. Estou viva. Mas sinto que ainda não alcancei os meus limites, fronteiras com o quê? sem fronteiras, a aventura perigosa".(20)

Os relâmpagos do Aion

Os instantes-já são os pontos aleatórios por onde passa a linha do Aion: "...toda a linha do Aion é percorrida pelo Instante, que não pára de se deslocar sobre ela e faz falta sempre em seu próprio lugar".⁹ O instante é o referente mais reiterativo no texto de *Água-viva*, referente de um tempo cuja espessura se esfacela.

É no ponto fugaz do instante-já que o eu pode estar, só nesse tempo infinitamente dividido pelo instante o eu pode Ser: "Meu tema é o instante? meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim". (9-10)

⁹ Idem, p. 195.

Aparentemente paradoxal, uma série de proposições regidas pelo verbo "querer" apontam para o *É*, como se ele pudesse ser o repouso do *eu*, pudesse torná-lo único e invariável. No entanto, o *É* não se situa, na escrita de *Água-viva*, no tempo do Cronos. Lançado na correnteza estonteante do Aion, ao invés de constituir uma duração, ele se torna provisório, não se condensa em nenhuma substância perene, seus atributos se fazem e se desfazem segundo o "arrepio dos instantes".⁽¹⁰⁾ Todas as proposições que apresentam o *É* como tentativa de definição não são mais que "focos de eternidades aninhados entre os instantes", segundo expressão de Félix Guattari.¹⁰ "E no instante está o *é* dele mesmo. Quero captar o meu *é*".⁽¹⁰⁾ Captura impossível, se se pensar o *É* na categoria da filosofia clássica, mas possível se ela for situada na dimensão nietzscheana.

A escrita de *Água-viva* é a celebração do jogo que, segundo Nietzsche, é reservado às crianças e aos artistas, o jogo cujos dados são o paradoxo, o não-senso, a alegria, a vida sem ressentimentos. A palavra em *Água-viva* é um perpétuo jogo de aleluias renovadas e transubstanciadas: "Mas eu denuncio. Denuncio nossa fraqueza, denuncio o horror alucinante de morrer – e respondo a toda essa infâmia com – exatamente isto que vai agora ficar escrito – e respondo a toda essa infâmia com a alegria. Puríssima e levíssima alegria. A minha única salvação é a alegria".⁽¹¹²⁾

Assim, o *É* de "quero captar o meu *é*", longe de constituir um ponto final, é ponto de relançamento para a vida, longe de ser morte de uma procura, constitui a alegria do caminhar no incerto e no paradoxal, corpo e alma numa conjunção aquém ou além da ontologia: "Quero morrer com vida"⁽⁵⁵⁾ – comemoração da vida em todo seu esplendor, movendo-se entre os opostos, estirando-se na orgia de palavras, instrumento, mas também matéria do ser do Aion ou do jogo de Dioniso: "E aos instantes eu lhes tiro o sumo de fruta. Tenho que me destituir para alcançar cerne e semente de vida. O instante é semente viva".⁽¹³⁾

A correnteza do E

O jogo que sustenta a escrita de *Água-viva* se perfaz exatamente entre o *É* e o *E*. As proposições regidas pelo verbo ser são rompidas, rasgadas pela força da conjunção *E*. Extremamente reiterativa no texto, a conjunção *E* torna-se a expressão verbal do instante-já.

¹⁰ GUATTARI, FÉLIX: *Caosmose*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 29.

O ϵ , elemento de sinfonia durável, se conjuga ao E , elemento do improviso, virtuoso de jazz. E do agenciamento dos elementos heterogêneos produzidos por cada um deles surge a consistência da escrita clariceana de *Água-viva*. O ϵ e o E não estão em luta, mas em dança. Cada uma dessas desterritorializações tende à outra, aproxima-se, afasta-se, converte posições, movimentos livres, desprendidos da lógica que os encarceraria em movimentos dialéticos.

Assim, não as cavernas contra os espaços aéreos, não a missa negra contra a santa missa, não o sangue contra o vinho, não o jazz contra Mozart, não o mal contra o bem, a treva contra a luz, a desordem contra a ordem, mas o entre-lugar, o ponto de interseção dos contrários, "o entre-dois, entre dois meios, ritmo-caos ou caosmo"¹¹, segundo Deleuze. O agenciamento se efetua graças à conjunção E que reúne deixando separado, produz uma quase-identificação em cujas brechas a palavra desliza como caldo de vida. Tudo isso só é possível porque essa palavra criadora e não representativa surge nos instantes-já, no tempo liberado do alinhamento do Cronos.

Nomear o mundo e o eu na sua multiplicidade é deixá-los soltos como cavalos selvagens que no seu galope esmagam as pré-significações, destroem as cercas-limites entre o caos e o cosmos, "deixo o cavalo livre correr fogueiro. Eu, que troto nervosa e só a realidade me delimita".(21)

Muito mais que um recurso de retórica, a conjunção ϵ , em *Água-viva*, é um modo de pensar, uma filosofia se fazendo na arte da palavra, filosofia surpreendentemente deleuzeana. Em *Dialogues*, Deleuze apresenta a teoria da conjunção ϵ , aliás dispersa em toda sua obra e constituindo um dos eixos fundamentais de seu pensamento, sobretudo quando ele se volta para a linguagem. É por esse caminho que ele questiona a filosofia do Ser:

Toda gramática, todo silogismo são um meio de manter a subordinação das conjunções ao verbo ser, de fazer com que gravitem em torno do verbo ser. É preciso ir mais longe: fazer com que o encontro com as relações penetre e corrompa tudo, mine o ser, faça-o vacilar. Substituir o ϵ ao ϵ . A e B. O ϵ não é sequer uma relação ou uma conjunção particulares, ele é o que subentende todas as relações, a estrada de todas as relações, e que faz com que as relações corram para fora de seus termos e para fora do conjunto de seus termos, e para fora de tudo o que poderia ser determinado como Ser. Um ou

¹¹ DELEUZE, GILLES. GUATTARI, FÉLIX.: *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980. p385. A tradução é nossa.

Todo. O ε como extra-ser, inter-ser. As relações poderiam ainda se estabelecer entre seus termos, ou entre dois conjuntos, de um ao outro, mas o ε dá uma outra direção às relações, e faz os termos e os conjuntos fugirem, uns e outros, sobre a linha de fuga que ele cria ativamente. Pensar com ε, ao invés de pensar ε, de pensar por é.¹²

Na escrita de *Água-viva* o ε funciona como uma pulsação orgânica:

É cada coisa que me ocorra eu anoto para fixá-la. Pois quero sentir nas mãos o nervo freme e vivaz do já ε que me reaja esse nervo como buliçosa veia. É que se rebelde, esse nervo de vida, ε que se contorça e lateje. É que se derramem safras, ametistas e esmeraldas no obscuro erotismo da vida plena: porque na minha escuridão enjim treme o grande topázio, palavra que tem luz própria. (22)

O topázio-palavra irradia sua luz própria graças à profusão da partícula ε que incendeia a razão e das suas cinzas faz renascer a insensatez de uma vida primitiva, orgânica, a prosmicuidade temática que dinamiza a festa de palavras que é a escrita de *Água-viva*.

No início dos parágrafos, o ε instaura a liberdade de articulação entre os aconteceres aos quais se entrega o *eu*, ou os aconteceres que ele cria, encadeando agenciamentos inesperados, exibindo o meio que é o ponto de encontro entre o dentro e o fora. Uma pequena amostragem desse procedimento nos dá uma idéia do desempenho do ε em início de parágrafo:

É eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. (12)

É se eu digo "eu" é porque não ousa dizer "tu", ou nós" ou "uma pessoa. (14)

É se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras mas nimbadas de claridade, e eu, sangue da natureza. (16)

É quando o dia chega ao fim ouço os grilos e torno-me toda repleta e ininteligível. (21)

É sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico, fantástico e gigantesco: a vida é sobrenatural. (34)

¹² DELEUZE, GILLES. PARNET, CLAIRE.: *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 70. Os grifos são do autor.

A seqüência dos parágrafos não segue, em absoluto, o desenrolar de uma idéia. Cada um deles surge como um ponto de intensidade vivencial, como um ponto de incandescência, ecos distorcidos: "... sou a palavra e também o seu eco".(18)

A conjunção ϵ promove ainda uma nomeação do mundo quando, fazendo contraponto com o espaço das grutas e das cavernas, Clarice sobe à superfície da terra e passa a povoá-la de flores. Desta vez, o ϵ está implícito, mas podemos percebê-lo entre uma nomeação e outra: a rosa (ϵ) o cravo (ϵ) o girassol (ϵ) a violeta (ϵ) a margarida (ϵ) a orquídea (ϵ) a tulipa.. e...e...e... infinitamente. Nessa passagem da presentificação das flores, percebe-se uma nova modalidade do ser, quando não diz mais "tudo isso sou eu" – expressão que utiliza após nomear os bichos das cavernas – mas diz a coisa deixando-a brilhar na sua luminosidade própria, capturando-a com o olhar, um olhar delicado que desliza sobre as pétalas sem tocá-las, mas capaz de apreender em cada uma a vida que lateja e convida, convida para a alegria das formas e cores que as flores desenham no mundo.

Mais que um cruzamento, a violência que o jogo $\acute{\epsilon}/\epsilon$ exerce consiste na demolição da identidade do Eu, "forma suprema da representação"; a lógica do acontecimento produzida pelo instante-já destrói a lógica da identidade e das atribuições definitivas. Essa violência é a expressão trágica da linguagem poética no seu processo de devir: tornar-se outro, fazer-se sem modelo nem origem; violência que arranca o eu das teias viscosas da representação e admite o simulacro como registro do ser. $\acute{\epsilon}/\epsilon$ são superfícies deslizantes uma sobre a outra, o ϵ adiando sempre o ponto final: "O que te escrevo continua". A força de procura, de busca do $\acute{\epsilon}$, só se mantém enquanto se vê, a cada instante, demolida ou relançada pelo ϵ .

O impessoal "it"

O instante-já como parcela ínfima do Aion não possui a consistência necessária para gerar um *eu* com identidade e história, mas gera algo aquém ou além : o it. "... it é elemento puro. É material do instante do tempo". (41) Só no tempo amorfo do Aion é possível a figuração de uma impessoalidade que a autora denomina "it", e suas variantes x , "isto", "plasma". "Mas há também o mistério do impessoal que é o "it": "eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu "it" é duro como uma pedra-seixo".(35) "Tenho que interromper para dizer que x é o que existe dentro de mim. x – eu me banho nesse isto. É impronunciável. Tudo que não sei está em x . A morte? A morte é x . Mas muita vida também, pois a vida é impronunciável. x que estremece em mim e tenho medo de seu diapasão"(...)(95) Essas partículas, que se recusam a ser palavras, apontam para uma região distante de toda transcendência;

distante do espírito, elas desenham o espaço onde uma vida primitiva, elementar, possa surgir.

Para atingir esse estado larvar, Clarice se faz, em *Água-viva*, uma espécie de feiticeira que, em vez de usar como elementos de metamorfose uma elaboração do espírito, usa os elementos de magia. Assim, substitui a voz pelo gesto e volta-se a rituais de sortilégio para deles renascer num processo que é procura da vida pela vida, pura, selvagem, "um coração batendo no mundo":

Esta minha capacidade de viver o que é redondo e amplo – cerco-me por plantas carnívoras e animais legendários, tudo banhado pela tosca e esquerda luz de um sexo mítico. Vou adiante de modo intuitivo e sem procurar uma idéia: sou orgânica. E não me indago sobre os meus motivos. Mergulho na quase dor de uma intensa alegria – e para me enfeitar nascem entre os meus cabelos folhas e ramagens. (27)

Nas cavernas, Clarice realiza rituais. Rodeada de animais asquerosos, repugnantes, ela vive com eles uma ligação íntima, contamina-se de sua vida primitiva, faz-se um deles:

As grutas são o meu inferno (...) Dentro da caverna obscura tremeluzem pendurados os ratos com asas em forma de cruz dos morcegos. Vejo aranhas penugentas e negras. Ratos e ratazanas correm espantados pelo chão e pelas paredes. Entre as pedras o escorpião (...) E tudo isso sou eu. (17)

Para proceder ao seu próprio nascimento é necessário substituir o saber racional por um saber visceral, gerado no *pathos*, num ponto cego do espírito que é, ao mesmo tempo, intensidade de luz, a escuridão absoluta da "vasta noite" como passagem para a experiência da vida depurada de atributos, e por isso mesmo plena do puro caldo espesso de sangue. É a celebração de sua missa negra:

Minha vasta noite passa-se no primário de uma latência. A mão pousa na terra e escuta quente um coração a pulsar. Vejo a grande lesma branca com seios de mulher: é ente humano? Queimo-a em fogueira inquisitorial. Tenho o misticismo das trevas de um passado remoto. E saio dessas torturas de vítima com a marca indescritível que simboliza a vida. Cercam-me criaturas elementares, anões, gnomos, duendes e gênios. Sacrifício animais para colher-lhes o sangue de que preciso para minhas cerimônias de sortilégio. Na minha sanha faço a oferta da alma no seu próprio negrume. A missa me apavora

– a mim que a executo. E a turva mente domina a matéria. A fera arreganha os dentes e galopam no longe do ar os cavalos dos carros alegóricos.(45)

A vida gerada nas cavernas, na escuridão e no horror é, contudo, aquela que tem esplendor próprio e que se confunde com a palavra, este "fio luxurioso". A palavra poética de Clarice produz "uma orgiaca beleza confusa" (27), longe da claridade apolínea:

Entro lentamente na minha dádiva a mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser o primeiro. Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer.(16)

Essa vida embrionária, húmus ou placenta, que se expressa pela partícula "it", traz em si o *é*, deslocando-o, contudo, da transcendentalidade ontológica, e trazendo-o para o ponto mais intenso de onde é possível irradiar-se e manifestar-se como puro acontecimento: "A transcendência dentro de mim é o "it" vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem".(35)

O *é*, na dimensão que lhe confere *Água-viva*, constitui "o centro vivo e mole(...) tremeluz, e é elástico"(63). Esse centro é o útero da palavra que se confunde com a vida. Geradas da mesma substância amorfa, palavra e vida são uma só. Assim como o pessoal se torna impessoal, assim como o *eu* se torna um "it" ou um *x*, a palavra se desossa, matéria gelatinosa, ruído do corpo antes que o exterior lhe atinja e lhe dê formas definidas. Palavra informe, vida embrionária, dois elementos obtidos quando se enfrenta a aventura perigosamente próxima do caos, mas capaz de dar o salto fora da teia pegajosa das grandes significações e das disposições racionalistas do mundo e dos seres.

Essa palavra-vida situa-se no espaço vazio, naquele momento em que, uma vez pronunciada a palavra, a coisa desaparece, morre de sua própria nomeação. Mas é igualmente o espaço-tempo da possibilidade terrificante e luminosa da criação. A escritura é vida – e não se trata de uma metáfora. A escritura é vida na medida em que ela dá morte às coisas, ao mundo, aos seres. Só dessa morte pode nascer a vida da criação poética.

Os instantes de saber de *Água-viva* não falam de filosofia, eles fazem filosofia. A escrita substitui a linguagem centralizada e de direção única da filosofia como sistema por uma linguagem desordenada, no interior da qual a abstração da idéia dá

lugar à concretude das experiências. A intensidade dos afetos e dos perceptos flui na escrita com a multiplicidade própria do eu que renunciou a si mesmo para assumir a forma do "it", forma na qual uma liberdade embriagante desprende a criação poética de qualquer representação: "Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada". (25) Movendo-se no Aion, que ilumina cada instante-já de uma claridade inaugural e cosmogônica, *Água-viva* é a manifestação exemplar de uma forma de saber na arte.

Retroativamente, esse pequeno livro constitui o foco de imanência através do qual a leitura de toda a obra de Clarice Lispector pode ser feita pela via da palavra que é antes de tudo a intensidade do pensamento quando ele se manifesta nas experiências concretas de vida e no jogo de dados que só os artistas sabem lançar.

Resumo Este texto faz uma análise da obra *Água-viva*, de Clarice Lispector, procurando revelar a dimensão filosófica subjacente ao texto.

Palavras-chave *Água-viva*, Clarice Lispector, correnteza do \mathcal{E} , filosofia, imanência.

Abstract This text analyses the book *Água-viva*, by Clarice Lispector, searching to show the philosophical dimension underlying the text.

Keywords *Água-viva*, Clarice Lispector, \mathcal{E} stream, philosophy, immanence.